

VELHAS SEMENTES, NOVAS PLANTAÇÕES: PALAVRAS ANTIGAS, FALADAS (CON)SENTIDAS

Vivian Karina da Silva¹; Flávia Angelo Verceze².

karinasilva.psic@gmail.com

Oficina

“Escrever para não morrer, [...], ou talvez mesmo falar para não morrer é uma tarefa sem dúvida tão antiga quanto a fala”
(Foucault, 2001b, p. 47).

Esse trabalho une arte literária – poesia - com psicanálise faz parte do nascimento do Projeto da Psicanálise Clínica e Itinerante Laço Social – uma clínica para além-consultório. Busca dar espaço para o surgimento do discurso da fala e da escrita por meio da arte – o que chamamos de “Literatura de Si”. Esses escritos não obedecem a regras, nem normas gramaticais – é a desgramática do *Sujeito* na cena do seu vocabulário próprio:

O importante, para nós, é que vemos aqui o nível em que – antes de qualquer formação do sujeito, de um sujeito que pensa, que se situa aí – isso conta, é contado, e no contado já está o contador. Só depois é que o sujeito tem que se reconhecer ali, reconhecer-se ali como contador. (LACAN, 1964/2008, p.28).

Partimos da premissa de que - quem pode contar sua dor se não for o seu próprio conta-dor? É a narrativa singular daquele corpo-sujeito que se nomeia, diante da posição e discurso vazio do analista. Ora, se pudéssemos pensar na escrita, como forma de vazão de si, o que seria um *papel em branco*, senão uma posição de vazio de letras, significantes, palavras? Um analista à espera que saia de si a novidade do inconsciente – “que fica em espera na área, eu diria algo de não-nascido” (Lacan, 1964/2008, p.30) – mas que no sujeito do inconsciente já é um velho (des)conhecido. O que metaforicamente chamamos de “velhas sementes, novas plantações: palavras antigas,

¹ Psicóloga, com especialização em psicanálise de Freud a Lacan. Projeto Psicanálise Clínica e Itinerante Laço Social.

² Psicóloga, mestranda em Psicologia, com pós-graduação em Clínica Psicanalítica (UEL) e especialista em Saúde da Mulher (RMSM-UEL). Projeto Psicanálise Clínica e Itinerante Laço Social.

faladas (con)sentidas” – daquilo que nos é velho e pela fala/escrita de si, sentida, traz à luz o nascido, novo - da ordem da novidade - e ao mesmo tempo já sabido, pelo sujeito do inconsciente, dito por Guimarães Rosa em outros tempos “aquilo que vou saber sem querer eu já sabia”.

A aposta desse trabalho é no reachado-de-cada-um por meio da associação livre poética, da palavra que antecipa o sentido, mas diz do que é sentido por cada um. Sentimentos de raiva, alegria, ódio, angústia, paixão, tristeza, vazio, amor – de onde sai, portanto, esse sentido sem antes o significado desse vivido – pela vazão dos significantes que formam teias, cadeias, podendo dar espaço de des-aprisioná-los: “tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita alguma coisa se estatela” (Lacan, 1964/2008, p.32).

A escrita de si, antes do entendido por quem diz, antecipa a racionalidade cartesiana, é o processo do isso freudiano sendo gestado e podendo por meio analítico e artístico, ter espaço para nascer/sair, ou seja, a Oficina de Poesia pre-tende dar espaço às letras saírem de forma livre a partir da memória territorial dos lugares de Vida ocupados por cada um – cada inconsciente es e ins – crito.

Referências

- Foucault, M. (2001b). A Linguagem ao Infinito. In: M. FOUCAULT, Ditos e Escritos III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro, Forense Universitária, p. 47-59.
- Lacan, J. (1964/2008). Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar.